

1970

Lettre du Père Ernest Lecomte — (25-V-1894)

António Brásio

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/angolavol4>

 Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Recommended Citation

Brásio, A. (Ed.). (1970). Lettre du Père Ernest Lecomte. In *Angola: 1890-1903*. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.

This 1894 is brought to you for free and open access by the Spiritana Monumenta Historica at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Angola: 1890-1903 by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

LETTRE DU PÈRE ERNEST LECOMTE

(25-V-1894)

SOMMAIRE—*Consolidation et développement de la mission de Caconda. — Les missions du Bié et de Catoco. — Travaux linguistiques du Père Lecomte.*

Caconda, 25 de Maio de 1894

Meu prezadíssimo amigo

A missão de Caconda vê finalmente terminar o período de preparação e de instalação, para entrar no de consolidação e de desenvolvimento. Começamos a respirar e a gozar do fruto dos nossos trabalhos. É com uma viva satisfação que os nossos olhos vêem campos com trigo, verdejantes hastes, e uma magnífica alameda de bananeiras junto às casas de habitação, verdadeiras obras-primas para o país. Imagine 35 metros de comprimento, 10 de largo, 3 metros de varanda, tudo isto coberto de zinco, construído de tijolos, com um excelente estuque e pintado de fresco. É porque Caconda não está habituada a tanto luxo, pois estamos longe das esplêndidas colónias do Lubango e Chibia. Nunca se vira até agora no país senão pobres cabanas formadas por estacas, cobertas por miseráveis ervas.

Não havia aqui operários e como os leões se obstinavam em nos devorar os Irmãos, foram Padres que puseram mãos à obra, transformando-se sucessivamente em pedreiros, carpinteiros, retelhadores e pintores. No começo os gentios achavam isto um tanto estranho, padres a amassarem argamassa ou a

transportarem vigas e barrotes era um espectáculo inteiramente novo. Habituarão-se depois a ele e deram-nos mesmo a sua aprovação. Cessaram de se escandalizar ao verem os padres lavar e conduzir carros; as mãos calosas conquistaram o respeito daqueles mesmos que não trabalham nunca.

Agora temos formados alguns aprendizes, mas com isto não quero dizer que já não há nada a fazer. Alguém poderia achar que há ainda pouca coisa feita. Todavia, quando me transporto em pensamento aos começos da nossa missão mais antiga e a mais próspera — a da Huíla — lembro-me que três ou quatro anos depois da sua fundação, ninguém poderia imaginar o desenvolvimento que ela devia tomar mais tarde.

A de Caconda, infelizmente, não tem a protecção nem a esperança de um tão belo futuro; caminhará a passos lentos, seguindo de longe a sua promogénita até onde possível lhe for.

Mas, seja como for, eu não cederia por cinco contos o trabalho feito, nem por dez o material tão penosamente reunido à força de economias: mobília, instrumentos agrícolas, ferramentas de diversos ofícios, carros, bois, etc., etc.; são, pode dizer-se, o preço dos nossos suores, o benefício do nosso trabalho pessoal. Se nos tivesse sido necessário pagar a operários, toda a nossa receita teria passado para eles.

No momento actual empregamos alguns, além dos Irmãos, porque desejamos adiantar activamente as construções das Irmãs. É necessário que, em menos de seis meses, três grandes construções estejam levantadas e cobertas. Temos zinco para a casa principal; tencionamos fabricar tijolos para as obras. Uma primeira experiência deu os melhores resultados; o mais difícil é o madeiramento; serrar barrotes, caibras e vigas, exige um tempo considerável e tem-se de ir buscar a madeira a grandes distâncias. Os nossos pobres bois são poucos, sessenta não seriam de mais, e aqui o gado está por um preço exorbitante e a mortalidade é enorme. Não chegaremos nunca a fazer todos os nossos transportes. Pagamos aos boers 2\$000 réis por

arroba; imagine o preço por que nos ficam os artigos quase sem valor, tais como o sal, por exemplo, cujo frete é dez vezes superior ao preço da compra. O que são cinco cargas de cem arrobas? Todavia é necessário mais de um conto para as transportar de Benguela até aqui; e é necessário o dobro para as levar até o Bié!

Não sei o que teria sido de nós sem o auxílio extraordinário da Subscrição Nacional. Imagine quanto não é difícil em tais circunstâncias sustentar pelo menos 15 pessoas europeias e perto de 200 crianças. Eis, com efeito, o número actual do pessoal de Caconda e do Bié, reunido; no ano passado ele constava apenas de metade; dobrámo-lo este ano.

A obra de Caconda sustenta 80 rapazes, a maior parte resgatados à escravidão. As crianças livres do país, mulatas e pretas, formam uma secção distinta, a qual tomaria um grande desenvolvimento se os nossos recursos nos permitissem que preparássemos os locais indispensáveis e que pudéssemos prover à sustentação dos discípulos. Ainda pensei em exigir dos pais uma remuneração, mas foi-me necessário pôr de lado uma tal ideia. Todavia, para fixar a inconstância dos indígenas, ficou contratado que aquele que retirasse os filhos da escola antes de estes concluírem a sua educação, pagaria todas as despesas com eles feitas.

Esta categoria é principalmente aplicada ao estudo, que aliás não pode ser levado além da instrução primária; metade do dia é empregado em pequenos trabalhos manuais de horticultura e em outros.

As crianças arrancadas à escravidão dão-se principalmente à agricultura; todavia têm todos os dias uma classe de catecismo, de canto, de português e de leitura. Escolhe-se para os officios aqueles que têm aptidões. Nós apenas começámos e já temos serradores, marceneiros, pedreiros e latoeiros, que prestam serviços muito apreciáveis. Outros lavram com a charua, conduzem os carros, etc. Tudo isto está ainda no estado

rudimentar, mas espero que daqui a três anos hei-de ter os ateliers bem estabelecidos e numerosos aprendizes.

As Irmãs têm 70 discípulas, que estão também divididas em duas categorias — crianças resgatadas e filhas do país. Ensinam-lhes os trabalhos próprios do seu sexo, mas sem desprezar a cultura da terra, em que se empregam durante uma parte do dia. As famílias cristãs que se vão constituindo, vão estabelecer-se nas estações do interior. Este ano temos sete ou oito novos casais. Além da aldeia de Cassinga, temos várias famílias no Bié, outras vão para o Cubango e estamos preparando algumas para se irem estabelecer no Bailundo.

Além destas obras há muitas outras a fazer para a evangelização propriamente dita das aldeias do concelho; para isso ser-nos-ia preciso mais um padre que pudesse missionar nas libatas. Obter-se-ia certamente um consolador resultado, mas com o pessoal actual é necessário limitar-se ao baptismo das criancinhas; baptizamos todos os anos muitos centos delas.

A missão do Bié está bastante próspera e dá-me imensa satisfação. O número de discípulos não excede a uns quarenta porque proibi que recebessem mais. Devemo-nos forçosamente conservar dentro dos limites da receita. Encontram-se também ali as duas categorias de crianças, mas a principal é a das crianças livres do país, filhas de mulatos, de negros civilizados e dos sobas bienenses e ganguelas dos arredores. Nas próximas chuvas irei fazer uma visita a esta missão e falar-lhe-ei então mais detalhadamente acerca delas.

A missão de Catoco (Cubango, Princesa Amélia) graças aos auxílios da Subscrição Nacional está finalmente reocupada; tem um pessoal de dois Padres e de dois Irmãos e começa com 20 crianças, número este que deverá dobrar antes de um ano. Espero muito desta missão visto as disposições dos povos dali, de quem já tive ocasião de fazer o elogio à Sociedade de Geografia. Cassinga goza de alguma tranquilidade, a paz está feita com os Cuanhamas, os quais sabem que o governo nos entre-

gou 20 espingardas excelentes e 2.000 cartuchos. Eles sabem também por experiência que há ali bons atiradores, juram que não voltam lá tão cedo e restituíram mesmo o que restava dos bois roubados, quinze cabeças. Conservaremos pois a posição enquanto ela for sustentável e enquanto houver um suficiente número de indígenas com que nos ocupemos. Infelizmente uma grande parte da população tem emigrado e temo que o resto a siga.

Na província, apesar das excelentes disposições para conosco e de certo por causa do grande interesse pelas missões, há infelizmente um certo descontentamento por eu não ter podido ainda estabelecer a missão do Bailundo. Preferir-se-ia que houvéssimos ocupado esta imediatamente e deferido a ocupação de Catoco. Mas a missão de Catoco não é uma missão nova, é uma reocupação que me haviam feito prometer de efectuar sem demora quando estive em Lisboa, há cinco anos. Desde então três vezes tentámos cumprir a nossa promessa e três vezes algumas mortes que se deram noutras casas nos obrigaram a renunciar a isso. Agora que eu estava em circunstâncias de o fazer não julguei poder diferir essa obra em favor do Bailundo. E demais, eu não sei que resolução adopte: em Lisboa desejam que eu penetre cada vez mais para o interior e vá o mais longe possível; era para corresponder a este desejo que empreendi a minha viagem ao Cuíto e ao país dos Luchazes. Na província não parecem ser todos da mesma opinião. Por isso tive que abandonar os meus planos e bater em retirada, correndo o risco de passar por ter prometido inconsideradamente o que não podia cumprir. Tomo pois um meio termo e espero satisfazer a todos. Este ano é a missão do Cubango; no ano que vem, isto é, dentro de alguns meses, chegará a vez do Bailundo; há dois anos que preparo esta fundação e vou ter quatro contos adiantados para a compra da mobília, material e fazer face às primeiras despesas; em seguida conto com uma receita regular de dois contos para prosseguir àvante.

Depois disto ficarei disponível para um estabelecimento além do Cuanza ou sobre as margens do Cueve, segundo se preferir o norte ou o sul. Espero ainda alguma coisa da Subscrição Nacional para este fim. Se aprovesse à comissão conceder-me este auxílio, ela poderia guardá-lo em depósito e eu adverti-la-ia logo que estivesse em condições de empreender a fundação projectada no interior, de maneira que o subsídio fosse aplicado à missão portuguesa mais avançada para o Zambeze. Já de todas as missões portuguesas de África a de Catoco é a mais distante da costa. A próxima missão ficará a 250 ou 300 quilómetros mais além.

Esperam-se informações acerca dos países que eu visitei. Reconheço a legitimidade desse desejo, mas eu prefiro apresentar um estudo completo de uma região a fazer uma simples narração de viagem, em que é preciso mentir muito para despertar sempre interesse. Queiram ter alguma paciência e não perderão com isso.

Alguns amigos insistem comigo para que eu publique os meus trabalhos sobre línguas e em especial a gramática, o dicionário e o guia de conversação «mbunda». Também nisso desejo ser completo tanto quanto possível for. Ora o «mbunda» tem quatro dialectos: o Benguela, o Galangue, o Bié e o Bailundo e falta-me o último. No fim de alguns meses passados neste país, terei tudo concluído, porque as diferenças entre este e os mais dialectos são ligeiras. Virá depois a língua ganguela com as suas duas grandes divisões, sul e norte. Com este ter-se-á um trabalho sobre as línguas faladas desde Benguela até o Zambeze. Tive ocasião de verificar isto na minha última viagem; compreendi os diversos *patois*, mesmo o falado pelos estrangeiros vindos do Cuando e do Cuchibi e sómente os Quivócues ou Quiocos, oriundos do interior de Luanda, falam um idioma completamente diferente.

Mas basta por esta vez, pois não? Creio que esta epístola vai já demasiadamente longa.

Adeus, pois e até breve. Se esta minha tagarelice o interessa diga-mo porque, nesse caso, poderei dar-lhe de tempos a tempos algumas informações.

Seu amigo muito afectuoso

P. Ernesto Lecomte

NOTA — Cette lettre a été écrite à une distinguée personnalité qui l'a mise à la disposition de la revue *Portugal em Africa*.

PORTUGAL EM ÁFRICA, Lisboa, 1894 (I), p. 290-295.